

Editorial

Prezados leitores!

É com imensa satisfação que apresentamos mais um número da “Revista de Estudos Antiutilitarista e Pós-Coloniais” [REALIS], do Programa de Pós-Graduação em Sociologia [PPGS] da Universidade Federal de Pernambuco [UFPE]. Iniciamos esta apresentação agradecendo aos editores da Revista o convite para participar como coordenadora desta edição. Agradeço a confiança que depositaram em mim sabendo de minha relação com a cultura latino-americana. Neste sentido, também gostaria de lembrar que me identifico plenamente com a proposta da REALIS de estimular um lugar especial a reflexões que tenham as trajetórias de lutas por liberdade e por reconhecimento na América Latina como foco, valorizando as experiências e as mobilizações de grupos humanos historicamente silenciados pela colonialidade e que buscam resgatar suas tradições e utopias. A fotografia da capa foi produzida na comunidade dos Tapuias- Kariris no Município de São Benedito no Estado do Ceará, ela busca sintetizar a mensagem central desta edição que é sobre as novas formas de invenção e reinvenção da resistência dos povos latino-americanos. A imagem trás a pintura e alguns adereços de um dos últimos grupos indígenas do Estado a se auto-reconhecer enquanto grupo indígena. Esse grupo carrega na sua trajetória histórica a memória coletiva de um passado de violação e injustiça onde a apagamento da identidade foi imposto, mas retomá-la neste momento é imperativo.

A proposta do número atual, intitulada ***América Latina frente aos novos desafios de luta e mobilização política*** não foge a essa tônica e promove um debate profícuo sobre as diferentes formas de luta e de mobilização social e política na América Latina. Os artigos aqui reunidos nos trazem variadas perspectivas históricas e sociais, de coletivos que, quando identificam, geográfica e historicamente, o lugar que lhes foi reservado, encontram também bases para atuação social.

Os trabalhos dialogam ou remontam as bases dos estudos pós-coloniais que constituem um amplo leque de abordagens que vão desde as teorias pós-

independentistas, passando pelas dependentistas e estruturais até chegar nas teses pós-estruturais e desconstrutivistas denominadas de “decolonialidade”. Em todas as reflexões foi pontual observar que a categoria “colonialidade do poder”, estruturada pelo sociólogo peruano Anibal Quijano, falecido no início deste ano, está presente, o que contribui para enfatizar a importância dos estudos sobre os processos de poder para esclarecer as relações nebulosas entre capitalismo e colonialidade. Assim, a ênfase na proposta de Quijano deve ser lida tanto como uma homenagem a esse autor como também como a prova da importância do seu pensamento na compreensão da realidade social da América Latina e do Brasil. A obra de Quijano revela uma contribuição epistemológica importante nos estudos sociológicos na região sobretudo para os intelectuais que têm elegido o giro decolonial como espaço teórico e de atuação política.

Iniciamos a apresentação com o artigo *Notas sobre luchas de classe y luchas sócio-políticas en nuestra américa en contexto actual*, do uruguaio Alejandro Casas, docente da Universidad de la República –UDELAR, que encarou o desafio de pensar as lutas de classe e sociais em paralelo aos debates decoloniais. É sabido que a crítica ao marxismo feita pelo Grupo Modernidade e Colonialidade nunca negou a seletividade aos marxismos, de modo que a reflexão de Alejandro pode render muitos debates que, certamente, nos ajudam a pensar a realidade latino-americana de forma plural. Para o autor, é necessário problematizar a falsa dicotomia entre luta de classe e lutas sociopolíticas. Precisamos considerar as lutas de forma entrelaçada, sem anular as especificidades, diz ele. Apoiado nos conceitos de resistência e de construção contra-hegemônica no sentido gramsciano, considera que a tendência em considerar as lutas de classes como algo desvinculado do étnico-racial, do gênero e da luta anticolonial é um erro teórico e político tão equivocado quanto o inverso.

Na tentativa de propor uma reflexão que leve à superação das lógicas colonialistas que impediram e silenciaram saberes e conhecimentos outros, o professor do Departamento de Estudios Ibéricos y Latinoamericanos da Universidade de Guadalajara e ex-presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), Jaime Preciado Coronado, colabora com o artigo *Filosofía y política de liberación en la obra de Enrique Dussel*. Por meio de uma análise extremamente rica sobre a obra deste autor, Preciado mostra a importância da compreensão do pensamento dusseliano no processo de autolibertação. O projeto colonialista da modernidade eurocentrada em

América Latina produziu a exclusão, o silenciamento e o esquecimento da diversidade na dita história oficial. Para para Dussel a resposta a essa modernidade eurocêntrica é possível com a inclusão de alteridades negadas que sejam capazes de reconhecer a sua positividade e a sua capacidade criativa.

Seja no *tópos* genérico do Grito dos Excluídos dos anos noventa ou com as pautas específicas da Parada do Orgulho LGBT, buscam-se formas de reinventar a história e de superar ou de subverter as estratégias de dominação. Os grupos de estudos subalternos ou o Grupo Modernidade e Colonialidade, de forma diferente, tiveram, na crítica à dominação, um espaço importante de reflexões e é com base na busca histórica por liberdade que apresento o artigo *José Martí e o pensamento social latino-americano: uma perspectiva pós-colonial*, de Gislânia Freitas e de Fábio Paiva, da Universidade Federal do Ceará. Os autores convidam os leitores a conhecer um pouco mais sobre a obra de um clássico do pensamento latino-americano, mostrando que sua trajetória de vida foi marcada pela luta em libertar o continente dos grilhões da dita "descoberta". A escrita de Martí remonta a mais de um século e não deixa de ser extremamente atual e engajada com o tempo em longa duração. Para Gislânia e Fábio, situar José Martí no campo do pós-colonial significa demarcar a necessidade histórica de reconfiguração do campo discursivo, mostrando a importância das possibilidades analíticas propostas por saberes marginalizados, transformando as modalidades de poder colonial por outras formas de existir.

Existir e criar outras formas de poder ou, como diria o Movimiento de Izquierda Revolucionaria chilena, *crear, crear, crear poder popular*, é a linguagem de ordem que intitula o artigo do professor e cientista político José Renato Vieira Martins. O artigo de José Renato é valioso para compreender a contribuição da esquerda chilena para os demais movimentos da esquerda latino-americana. O autor situa a sua análise entre os anos 1970 a 1973, quando houve o aumento das greves e a ocupação das fábricas em territórios urbanos durante o governo de Salvador Allende, apontando o surgimento dos cordões industriais como o principal legado chileno às esquerdas latino-americanas. Os cordões industriais foram uma realidade complexa marcada pela forte presença popular expressando, sobretudo, que somente pela união da classe trabalhadora é possível conquistar a vitória.

O artigo seguinte é de Michele Guerreiro, intitulado *As pegadas dos que caminham juntos nunca se apagam: enfrentamento do racismo e desafios para a construção de uma educação antirracista no Brasil*. No artigo a autora argumenta que, para avançarmos de forma efetiva e consolidar um projeto decolonial, é preciso desmontar estruturas reprodutoras de um racismo epistêmico, como o que está presente na base curricular. O poder colonial teve, na articulação entre raça, sexo, classe e poder, elementos de dominação. A transformação dessa realidade deve considerar a base curricular como seu primeiro alvo de atuação. Para Guerreiro não basta a inserção de negros no sistema educativo se não houver mudanças na política curricular que permita aos grupos se sentirem partes constituintes da história.

Aline Renata dos Santos e Janssen Felipe da Silva no artigo *Diálogos entre os estudos pós-coloniais e o feminismo latino-americano na compreensão do patriarcado na constituição da América Latina* abordam o tema da raça e a sua correlação com outras formas de opressão com o tema de gênero, reforçando o caráter interseccional da problemática. O artigo de Janssen traz a construção histórica da colonialidade do poder e do ser, articulada pelo gênero e pela raça. Tendo como base conceitual os estudos pós-coloniais e o feminismo latino-americano, o autor identificam o patriarcado colonial moderno como uma cicatriz de origem que permanece aberta ao tempo. Para superar o peso da herança colonial é preciso modificar as lentes teóricas e conceber os sujeitos por sua capacidade de transformação.

Nessa mesma linha, temos o trabalho *Experiências feministas narradas no espaço virtual: debates sobre interseccionalidade e feminismo negro*, de Larissa Viegas de Mello Freitas. Por meio de uma análise de duas páginas virtuais – “Blogueiras Feministas” e “Blogueiras Negras” –, Larissa analisa a ação desses cyberativismo ao longo do tempo e as suas formas de articulação. O avanço tecnológico e, em especial, o advento da internet, provocou uma multiplicidade de tempos e de lugares. A ampliação das possibilidades de multiplicação de sexismos e de racismos também possibilita outras formas de resistência. A internet permite a rápida difusão de ideias e de ações que reverberam no cotidiano e nos espaços virtuais. Trata-se de campos de atuação em que as histórias são contadas e, ao mesmo tempo, construídas. O feminismo interseccional defendido pelos blogues busca, através da pós-colonialidade, superar e transformar os seus lugares de opressão em *locus* de empoderamento

O artigo de Raimundo Nonato de Pádua Cândia e Sônia Maria da Silva Araújo, intitulado *Pós-colonialismo e violência epistêmica em narrativas sobre o processo de conversão de um povo indígena da Amazônia brasileira*, traz as interfaces da proposta decolonial com ênfase no pensamento do filósofo argentino Walter Mignolo. Cândia e Araújo relatam o processo de conversão do grupo indígena wai-wai na obra "O Pajé de Cristo", de Homer Dowdy. Os autores apostam que somente uma releitura da história wai-wai como uma resposta decolonial poderá dirimir a violência sofrida.

O artigo de Débora Alcântara traz uma contribuição ímpar ao exercício do debate e da reflexão sobre o pensamento decolonial na medida em que aponta um *deficit* nos conceitos dos paradigmas "outro" e "pensamento fronteiriço" de Walter Mignolo. Os citados conceitos apostam na voz subalternizada como caminho para a libertação. De acordo com Alcântara, essa visão pode ser um pouco redutora. Em diálogo com Grosfoguel, afirma que não podemos confundir a localização epistêmica com a localização social, pois nada impede que os que estão socialmente abaixo possam pensar como os que estão acima.

Os coletivos subalternizados nascem de diferentes formas de opressão e de exclusão advindas do sistema capitalista em exercício pelos seus gestores, sejam eles coronéis, empresários e toda uma linhagem de patronato autoritário. Na contraface temos uma realidade pluriversa e interseccional construída na tessitura da marginalidade e do empobrecimento, com pessoas marcadas pela raça, pela classe, pelo gênero e ou pela opção sexual, mas em todos temos o signo pessoas que sofrem com a voz autoritária, regurgitadora da diferença que impõe padrões e projeta hegemonias.

Os artigos publicados nesta edição da Revista REALIS oferecem um primoroso debate sobre os principais dilemas da América Latina. Após dozes anos de governos progressistas de alguns avanços, observamos a retomada do ódio e da intolerância como plataforma política. Visões sociais reacionárias e antipopulares dividem a sociedade. Mesmo com as conquistas havidas, a acumulação e a desigualdade seguem sendo as maiores mazelas do continente e, a reboque, uma série de estratégias de dominação segue em curso. Os intelectuais que trabalham com a perspectiva decolonial no Brasil têm a missão de observar até que ponto o deslocamento da crítica da propriedade ao proprietário tem produzido modificações no entendimento da realidade social. Como se articulam as realidades do ter e as realidades do ser? O que muda quando alguém

aponta a existência do latifúndio, designando o proprietário de coronel, de fazendeiro, para chamá-lo de racista ou misógino?

É chegado o momento de nomear a coisa e isso nos parece extremamente positivo, pois colocamos à mostra temas muitas vezes ocultados. De alguma forma parece que estamos fazendo uma espécie de *epistemitopsia*, desmascarando e entendendo as inúmeras fases da opressão e da dominação. A grande questão está em como atuar diante dessa miscelânea de informação, de realidades que se mostram cada vez mais complexas e constatar que as diversas leituras nem sempre encontram a harmonia esperada. O que estamos afirmando é que não há garantias de que a mudança de posição de grupos, de uma classe a outra, modifique a lógica da relação opressiva, pois é próprio do capitalismo produzir sofrimento e, para isso, vaidades individuais ainda seguem sendo um importante elemento.

Enquanto houver ausência de mobilizações e ações efetivas, seguiremos expectadores do crescimento das desigualdades – os que têm muito e, em oposição, a mais absoluta miséria. Centros de poder seguirão contrastando com a miséria de povos africanos e latino-americanos e asiáticos. Migrações e o flagelo da fome e da violência seguirão inundando países. Mais do que nunca precisamos de caminhos teóricos que nos auxiliem na prática. Estamos certas de que a leitura de cada artigo e a composição em seus diferentes ordenamentos produzirá nos leitores ganas de seguir no debate, pois certamente os levará a uma compreensão diversa do momento atual. São rotas plurais do Atlântico negro e branco, mas que insiste em não deixar de ser vermelho.

Boa leitura!

Foz do Iguaçu, 20 de Novembro de 2018

Danielle Araújo

Universidade Federal da Integração Latino-Americana - Unila